



SANTA BÁRBARA

VIRGEM E MÁRTIR

ENCONTRO DA
Santa Bárbara

SANTA



Casa da Cultura António Bentes

S. Brás de Alportel

Biblioteca

Livro n.º 939

Cota n.º

4-4
VIRGEM E MÁRTIR

Tradução do Prof.

JOSÉ ANTÓNIO PINHEIRO E ROSA

(Separata do Boletim Paroquial «O Encontro»)

SANTA BARBARA DE NEXE

1987

ENCANTO DAS COLOREDAÇÕES
Santa Bárbara de Nexe - 14 - 1 - 14

SANTA BÁRBARA

VIRGEM E MÁRTIR

Tradução do Prof.
JOSE ANTÓNIO PINHEIRO E ROSA

Na capa: *Relicário de Santa Bárbara (Gótico, séc. XV).*

SANTA BÁRBARA DE NEXE
1987



Imagem de Santa Bárbara (Igreja paroquial)

PREFÁCIO

Publicada esta *vida* em sucessivos números do excelente boletim paroquial de Santa Bárbara de Nexe, «O Encontro», executa-se agora a sua publicação em folheto e o humilde tradutor é chamado a dizer uma palavra.

De boa vontade e com simplicidade a escrevo.

Tradução dum artigo que viera publicado na *Revue des Saints*, 1.º ano, n.º 9, Dezembro de 1927, começada a 4 de Dezembro de 1950, como consequência de *promessa*, que fizera a Santa Bárbara, se me visse livre de aborrecido incómodo fisiológico, a oportunidade de a publicar só surgiu em 1983, com a oferta de espaço no citado periódico.

Grato à Santa, e à paróquia de Santa Bárbara de Nexe, declaro que *o produto da venda da separata fica ao dispor da mesma paróquia, que o destina ao Lar de Bem Estar Santa Bárbara.*

A juntar às terras estrangeiras no texto citadas, Santa Bárbara de Nexe não ocupa lugar menos honroso. Já o foquei num livrinho meu, aparecido em 1974. A sua devoção à Padroeira deve ser muito mais antiga que a erecção da freguesia e que a construção da igreja. Esta deve colocar-se na primeira metade do século XV. E deve ter sido a devoção que deu o nome à povoação e o orago ao templo.

Prova dessa devoção é a jóia preciosa que Santa Bárbara de Nexe possui: o relicário gótico da sua Padroeira. Valioso o relicário e, evidentemente, valiosa a relíquia.

Pensem que é uma parte, ainda que pequena, do corpo daquela que atingiu cumes de santidade e que lhes foi dada por protectora e modelo. Não lhes será pedido que imitem o modelo até dar a vida. Mas se cada um dos paroquianos dessa freguesia quisesse imitar *alguma* das virtudes da sua santa, creio que já algo de muito bom se teria conseguido.

Que a leitura destas páginas produza essa aspiração nos leitores e elas não teriam sido escritas em vão. E o tradutor se dará por compensado.

Fevereiro de 1987

Pinheiro e Rosa

Santa Bárbara (nas línguas orientais *Varvara*) desempenhou na terra uma curta missão, porque tinha apenas dezasseis anos quando, provavelmente em 235, foi martirizada. Nem por isso deixou de gozar, no decorrer dos séculos, duma imensa, duma maravilhosa popularidade, e é ainda objecto de uma devoção universal.

A despeito de certas competições, parece difícil não admitir que Santa Bárbara nasceu, viveu e foi condenada à morte em Nicomédia, capital da Bitínia (hoje, na Turquia), e não em Heliópolis do Egito, ou, ainda menos, na Toscana.

Os documentos mais autorizados proclamam-na oriunda de tronco real. Segundo um missal de Mans e o Breviário da Colegiada de Beaume, descendia, como Maria e Jesus, da raça de Jessé, e, segundo uma crónica dos Cartuxos de Colónia, sua mãe era a filha mais velha duma Romana, Repé, e de Teófilo, filho de Marcelo, que o foi de Agap, um rei que, no tempo da ruína de Jerusalém por Vespasiano e Tito, tinha desposado Ester, Jovem judia duma grande beleza.

Quanto a seu pai, Dióscoro (em grego, *filho de Júpiter*), era um rico sátrapa, pagão ardentíssimo, completamente enfeudado ao imperador Maximiano, o perseguidor. Assim, deve considerar-se fantasista o episódio gravado numa estampa antiga de confraria com esta legenda: «Santa Bárbara é dada a uma ama cristã».

Os autores pintam Bárbara como uma adolescente de cabelos louros, juntando todos os encantos físicos a todos os dotes de espírito.

BÁRBARA TORNA-SE CRISTÃ

Desejoso de que sua filha não escolhesse demasiado cedo entre os senhores que desejavam a sua mão e querendo furtá-la ao proselitismo dos cristãos, Dióscoro sequestrou-a num castelo, aliás muito bem provido de todo o luxo que comportava a sua alta condição. Acrescentou-lhe uma piscina, cuja construção seguiu com um cioso cuidado, fixando ele próprio a orientação das duas janelas que deviam iluminá-la.

Além disso, para cultivar as brilhantes qualidades intelectuais que lisongeavam a sua vaidade paternal, proporcionou a Bárbara as lições dos mais reputados mestres, que a fizeram estudar os poetas, os oradores e os filósofos.

O espírito penetrante da adolescente foi ferido pelo absurdo dos ensinamentos do paganismo sobre a pluralidade dos deuses e distinguiu rapidamente, entre esses erros grosseiros, as verdades fundamentais das tradições primitivas que a elevaram à noção de um Deus único e soberano. Consciente da inanidade de tudo aquilo de que a rodeavam, Bárbara recusou-se a inclinar-se mais tempo perante as divindades cujo poder lhe enalteciam, e impelida pela fé nascente, achou meio de fazer chegar ao célebre Orígenes uma mensagem em que lhe pedia que viesse fortificá-la.

Impacientemente esperada, a resposta do grande doutor de Alexandria foi trazida por um dos seus discípulos, que foi recebido com as maiores honras e conseguiu preparar a neófita para o baptismo sem ser inquietado pela comitiva desta, porque o consideravam como um médico chamado do estrangeiro para lhe prestar cuidados.

Uma tradição respeitável pretende que esse sacramento tenha sido administrado a Bárbara com um concurso de circunstâncias miraculosas. Enquanto ela estava em oração, pedindo para ser purificada das suas faltas, uma fonte abundante teria jorrado diante dela,

dividindo-se em quatro partes com a forma duma cruz. S. João Baptista ter-lhe-ia então aparecido e tê-la-ia baptizado, como fez outrora aos judeus nas águas do Jordão. Depois, Jesus Cristo tê-la-ia favorecido com a sua presença, apresentando-lhe uma palma e um anel de ouro e dizendo-lhe: «Venho em nome de meu Pai tornar-vos minha esposa».

Muitos daqueles que a fé conduzia àquela fonte encontraram, diz-se, a cura dos seus males.

Dióscoro estava longe, tendo sido encarregado pelo imperador do comando duma importante expedição militar. A nova cristã pôde à sua vontade manifestar o seu desprezo pelos falsos deuses derrubando e quebrando os ídolos que povoavam a casa. Afirmou a vivacidade das suas crenças traçando com o polegar da mão direita o sinal da cruz sobre uma coluna de mármore onde se teriam conservado os vestígios, ao passo que o sinal do seu pé direito ficava visível sobre um degrau. No seu entusiasmo pela Santíssima Trindade, obrigou mesmo, afirma-se, os operários a abrir na parede da piscina uma terceira janela.

Ao mesmo tempo entregava-se a todas as práticas da caridade.

O MARTÍRIO

À volta da expedição, Dióscoro inquietou-se com tais perturbações. Soube que tudo se tinha feito por ordem da filha, a quem intimou a explicar-lhe o seu procedimento. Ela aproveitou a ocasião para se declarar cristã; para lhe expor com corajosa franqueza a vaidade do paganismo; para lhe dizer a sublimidade dos mistérios da religião que acabava de abraçar; para lhe declarar que as três janelas que lhe davam a claridade dum mesmo sol representavam as Três Pessoas da Trindade, fonte única da verdadeira luz.

Bárbara discorria com tanta graça e simplicidade que o pai tentou primeiro a doçura para a desviar do cristianismo, propondo-lhe um brilhante casamento se

voltasse ao paganismo. Ela respondeu-lhe que preferia a beleza incomparável da virgindade, que tinha prometido a Cristo, que só a este queria para esposo e que todas as coroas da terra não valiam a que a esperava lá no céu.

Transportado de cólera, Dióscoro quis imediatamente imolar a filha aos seus deuses: desembainhando a espada, precipitou-se sobre ela. A jovem conseguiu escapar-se; na fuga, através do campo, um rochedo entreabriu-se para lhe permitir encontrar refúgio numa gruta, cuja entrada era disfarçada por espinhos.

Mas esse retiro foi indicado por um pastor que, de resto, em castigo da sua traição, foi transformado em bloco de mármore enquanto as suas ovelhas eram metamorfoseadas em gafanhotos.

A fugitiva, perdida, é agarrada brutalmente, crivada de golpes, calcada aos pés, arrastada pelos cabelos.

Como as ameaças e as violências não chegassem a vencê-la, é conduzida ao pretor Marcião, para ser tratada com todo o rigor das leis.

Os editos contra os cristãos eram inexoráveis. Todavia o magistrado, a princípio, tem compaixão duma vítima tão jovem e delicada, e esforça-se por meio de promessas para desviá-la do que chamava a sua superstição.

Bárbara, inabalável, é entregue aos algozes e o seu suplício durará três dias, como para lhe permitir oferecer uma parte do sacrifício a cada Pessoa dessa Trindade que tanto seduzia o seu coração.

É flagelada até derramar sangue, revolvida sobre fragmentos de vasos quebrados, estendida sobre pontas de espadas; as suas chagas são esfoladas por um rude cilício, reavivadas com vinagre e sal. Fica como morta; lançam-na então na mais horrível das enxovias.

Cristo veio visitar ali a sua esposa, fechou-lhe as feridas, reanimou-lhe as forças e prometeu-lhe não abandoná-la na sua luta corajosa pela fé.

Quando foi reconduzida diante do tribunal, Marcião, vendo-a tão sã no corpo, convidou Bárbara a reconhecer o poder dos deuses adorando-os.

— Como, exclamou ela, és tu bastante insensato para crer que essas estátuas feitas pela mão do homem tenham operado esta maravilha? Não, não é a elas, é ao Filho do Deus vivo que devo a cura, e sofrerei com alegria para ganhar a recompensa que Ele me reserva.

— Já que ela se obstina, ordenou o pretor, suspendei-a pelos pés, rasgai-lhe as ilhargas com pentes de ferro, queimai-a com archotes ardentes.

E, como todos esses tormentos a deixassem sorridente, mandou que lhe ferissem a cabeça com pesados martelos. Inúteis esforços! Ela está como arrebatada em Deus, que não cessa de invocar, e suporta sem uma queixa que lhe arranquem um peito com tenazes.

Enfim, decidiram ultrajar-lhe o pudor, expondo-a nua aos risos da populaça. Nesse ignominioso estado, os algozes deviam persegui-la às chicotadas através das ruas da cidade. Marcião regozijava-se com este requinte de crueldade, quando ouve esta oração: «Meu Senhor e Rei, vós que sabeis, quando vos apraz, envolver a terra em nuvens, escondi a minha nudez a fim de que os infiéis não tenham motivo para fazerem troça da vossa serval»

Imediatamente, uma veste de luz oculta completamente o virginal corpo aos olhares e os chicotes são substituídos por penas nas mãos dos executores...

Fatigado de torturar, Marcião pronuncia a sentença de morte.

A intrepidez da filha durante a atroz tragédia só conseguiu exasperar a raiva de Dióscoro que, tendo reclamado a triste honra de ser ele próprio a decapitá-la, a conduziu à colina próxima.

Ali, Bárbara ajoelha-se, agradece a Deus o abrir-lhe enfim o seu paraíso e pede-lhe que conceda que todos os que recorrerem à sua intercessão sejam preservados do «golpe de morte repentina» e certos de não morrerem sem «ter feito boa confissão e recebido o celeste Viático».

FESTA A 4 DE DEZEMBRO

Depois foi-lhe cortada a cabeça... e a sua alma voou para a glória eterna tão heroicamente ganha.

Quanto ao pai, não se fez esperar o castigo do seu crime. No céu sem nuvens brilha um relâmpago, ribomba alterosamente um trovão e o raio fulmina o miserável cujas cinzas o vento se encarrega de dispersar.

O corpo e a cabeça da vítima foram recolhidos por um cristão, que, tendo-os embalsamado, os transportou até Gelasse para os subtrair às profanações. Julga-se que foi no ano de 235.

A sepultura de Santa Bárbara não escapou à devoção dos fiéis e numerosas curas revelaram o tesouro que ela encerrava, como refere no princípio do século XVIII o seu biógrafo, o Rev. Padre Cláudio de S. José, religioso carmelita.

«Os cidadãos de Nicomédia, escreve o piedoso autor, vendo os frequentes milagres que se faziam de dia para dia no túmulo, mandaram fazer uma bela caixa coberta de lâminas de fino ouro e enriquecida de várias pedras, na qual depositaram o corpo, e, embora pagãos, levaram-na ao seu templo e suspenderam-na da abóbada com cadeias de ouro.

Mas os cristãos, tendo tomado Nicomédia por um cerco em que houve muitos feridos e mortos pelos infiéis, entraram naquele templo... Muitos feridos foram curados de repente sem saber donde lhes vinha essa graça; até que, dando pela preciosa caixa, souberam de um padre que estava junto dela que ali repousava o corpo de uma virgem chamada Bárbara... e porque a tinham em tanta veneração. Os cristãos, ouvindo narrar estas maravilhas... mandaram buscar todos os que tinham sido mortos, os quais, imediatamente, ressuscitaram...»

AS SUAS RELÍQUIAS NO OCIDENTE

No século VII, a celebridade deste túmulo era muito grande. Naturalmente foram disputadas as relíquias que ele encerrava. Segundo a opinião mais provável, foram transferidas para Constantinopla e, dali, para Veneza.

As primeiras que possuiu a França foram para ali levadas no meio do século XI por Roberto, filho de Otão Stigand, senhor de Erabeul, na diocese de Lisieux, o qual, em reconhecimento da cura de seu outro filho, Horácio, fundou o priorado de Santa Bárbara em-Auge.

Havia já alguns séculos que todo o Oriente estava cheio da glória do nome de Santa Bárbara, que era honrado, nomeadamente em Edessa, em Constantinopla e no Cairo.

No Ocidente, o seu culto, que deixou em Roma traços que remontam ao século VIII, adquiriu, na idade média, um desenvolvimento considerável. Invocou-se Santa Bárbara contra a impenitência final; deram-lhe o nome de «Mãe da confissão». A natureza da maior parte dos numerosos prodígios devidos à sua intercessão justifica que tenha sido considerada como a Santa do Viático. Nada mais certo e mais brilhante, reconhecem, com efeito, os Bolandistas, que os milagres obtidos pela invocação desta Santa em favor dos moribundos.

No seu estilo dum encantadora simplicidade, o Padre Cláudio de S. José conta alguns:

«No país de Hesse, caiu a torre de um grande castelo sobre uma rapariga que se achou sepultada debaixo do peso de uma grande quantidade de terra e de pedras, bastantes para carregar duzentas carretas. Procurou-se primeiro um bom número de operários para buscar a rapariga. Tinham trabalhado todo o dia com diligência, quando, sobre a tarde, ouviram a voz da soterrada que gritava: «Eu não poderia morrer sem me confessar e comungar, em razão dos pequenos obséquios de devoção que prestei a Santa Bárbara, a qual me conserva presentemente viva pela permissão

de Deus. E, logo que recebeu os últimos sacramentos, expirou.»

«O diabo tinha sufocado numa grande quantidade de neve seis Cartuxos, um dos quais era o padre Ardoíno de Lorena, muito devoto de Santa Bárbara, o qual foi encontrado ainda com vida doze dias depois, quando a neve se fundiu, embora nada tivesse comido durante esses doze dias e tivesse suportado um peso violentíssimo. Mas, tendo recebido os últimos sacramentos da Igreja, convidando os seus confrades à devoção a Santa Bárbara, morreu.»

«Um burguês de Nimègue, no ducado de Gueldre, chamado Reinol, muito devoto de Santa Bárbara desde a mais tenra idade, tinha perfurado o coração com uma facada; e todavia teve tempo de receber os últimos sacramentos pela intercessão da santa.»

«Antes de entrar na Companhia de Jesus, estando em Viena, perigosamente doente em casa de um herético, S. Estanislau Kotska estava em grande dificuldade para receber o sagrado Viático. Recorreu a Santa Bárbara, fidelíssima advogada dessa situação, a qual lhe apareceu na noite seguinte, acompanhada de dois anjos, que lhe deram a comunhão.»

O narrador enumera ainda outras manifestações do poder da nossa Santa: cura de diversas doenças; um religioso é livre dum naufrágio; uma criança morta é ressuscitada; alguns que troçavam dos que tinham devoção a Santa Bárbara são punidos; e acrescenta:

«Todos os milagres precedentes são extraídos de um manuscrito autêntico que se conserva na biblioteca dos Reverendos Padres Carmelitas de Bruxellas, ou das vidas dos Santos escritas pelos RR:PP: Ribadenera e Ros Weid, conhecido também do Sr. Pordanne, do R. P. Binet e outros autores.

O SEU PATROCÍNIO

Em razão do castigo infligido ao seu algoz, Santa Bárbara foi necessariamente invocada contra o fogo do céu. Certos sinos que se tocavam para dissipar as

tempestades receberam o seu nome ou ostentaram a sua efígie.

Se agrupou sob a sua égide os que preparam os explosivos, os que os empregam, (principalmente os artilheiros), os que fabricam as armas de fogo, é porque a pólvora produz efeitos comparáveis aos do raio.

A estes «clientes» juntaram-se os bombeiros, que combatem os incêndios muitas vezes ateados pelos raios; e, por extensão da ideia do fogo, os fundidores e até os cozinheiros.

Como os cabouqueiros e os mineiros se servem também da pólvora, ameaçados do grisú, em lembrança sobre tudo do rochedo que se entreabriu para dar passagem à santa, elegeram-na também por padroeira, do mesmo modo que as tropas de engenharia que não só cavam minas no solo, mas também constroem fortificações que recordam o seu castelo.

Quanto ao padroado dos operários da construção e dos architectos, era justificado pelos trabalhos que Santa Bárbara mandou executar para iluminar a sua piscina com a «terceira janela».

O dos coveiros, dos empregados de igreja (bedéis, sacristães, sineiros, carrilhonistas) que têm papel nas cerimónias fúnebres explica-se pela assistência prometida aos moribundos; assim como a dos ourives (e dos batedores de ouro) por causa dos vasos sagrados que servem para levar a estes o Sagrado Viático.

Era natural que, flor de virgindade, a mártir de Nicomédia fosse a padroeira das raparigas; que, ardentemente em instruir-se, o fosse dos estudantes, de vários colégios, das livrarias.

Foi, além disso, escolhida como padroeira dos marinheiros e dos seus navios expostos a tantos riscos; padroeira dos carneiros, cuja profissão evoca o seu suplício sangrento; padroeira das mulheres casadas, dos carregadores, porque todos queriam estar sob a sua protecção.

Enfim, como o seu nome se presta a um fácil jogo de palavras, os artistas, que manobravam matérias pri-

mas como as peles, as sedas, a crina, a lã, a estopa, o fio, puseram sob a protecção de Santa Bárbara as suas corporações de peleiros, peliqueiros, escoveiros, paneiros, tapeceiros, chapeleiros, tecelães...

A DEVOÇÃO ACTUAL A SANTA BÁRBARA

Muitos destes padroados, testemunhos comoves da confiança geral na Santa que, de resto, era um dos catorze «auxiliadores», não são mais que recordações; mas os artilheiros, os mineiros e os bombeiros ficaram fiéis a uma tradição que a Revolução não pôde interromper completamente e não há talvez cidade nem aldeia em que, nos nossos dias, não seja festejado o dia 4 de Dezembro.

Quando uma nuvem se torna ameaçadora, muitos lábios, nos nossos campos, recitam a fórmula conjurando Santa Bárbara a afastar a trovoada. Invocam-na também contra a morte súbita.

Das numerosas confrarias para a boa morte erigidas sob a invocação da Santa várias sobreviveram. Outras associações se criaram com o mesmo fim, entre as quais a Arquiconfraria erigida em Plaimpied por S. Pio X a 11 de abril de 1911, transferida em 1914 para a igreja de Santa Bárbara em Bourges e que irradia para toda a França.

Muito frequentados são ainda os santuários de Santa Bárbara, nomeadamente, para só falar da França, os de São Martinho de Connée, na Mayenne; de Fay, nos bosques dos arredores de Mans; de La Corneille, no departamento do Orne; de Roscoff, no norte do Finisterre... O mais célebre, o mais pitoresco, é aquele que, duas vezes por ano, atrai multidões de peregrinos ao flanco da colina de Fanet, nos confins da Cornualha. Enfim, a festa corporativa da grande protectora é doravante celebrada solenemente em Paris, na igreja de Nossa Senhora da Boa Nova.


S. Pio V reconheceu e confirmou o seu culto em 1568.

As figurações de Santa Bárbara são inúmeras nas

igrejas, nos museus, nas bibliotecas. A Santa reconhece-se pela torre, pela representação da sua casa fortificada e pela palma do martírio. Muitas vezes aparece munida da espada, instrumento do seu último suplício, do livro das Escrituras, de um cálice encimado pela hóstia.

É conhecida a seguinte prece que figura por baixo de uma estampa do gravador de Liège Miguel Natalio (século XVII):

*Santa Bárbara, rogai por nós
A Jesus, vosso admirável Esposo,
Que vos ama com um amor terno.
Que por sua santa Paixão
Se digne preservar-nos
De uma morte sem confissão.*



Composição e Impressão
Tipografia União
F A R O
1 9 8 7